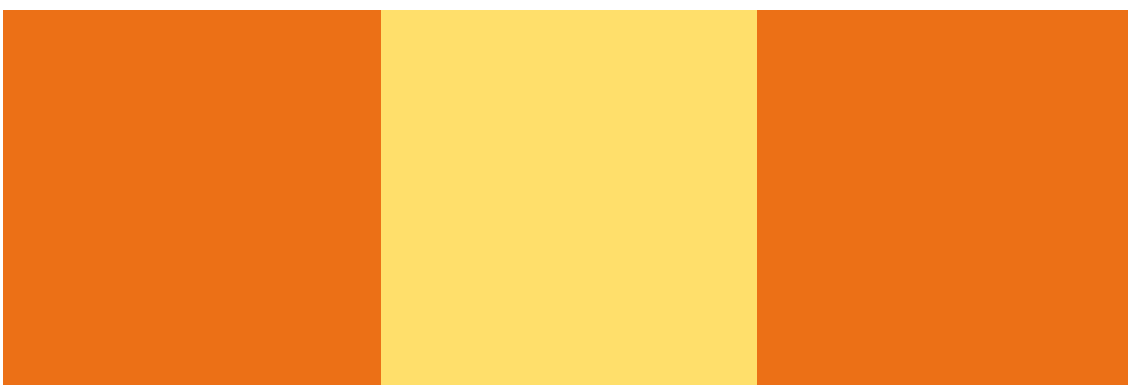


# **Crise da ação, a experiência do tempo em suspenso da pandemia e a busca por uma nova Verdade do “agir amoroso”**

Bruno Fabri

*Doutorando em Comunicação e Cultura pela UFRJ*



*Dear Prudence, won't you come out to play  
Dear Prudence, greet the brand new day  
The sun is up, the sky is blue  
It's beautiful and so are you  
Dear Prudence won't you come out and play*

The Beatles, "Dear Prudence"

– AC Cósmico – perguntou Homem –, *é possível reverter a entropia?*  
AC Cósmico disse:  
– OS DADOS AINDA SÃO INSUFICIENTES PARA UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

Isaac Asimov, "A última pergunta"

### 1. Sobre a importância de conjurarmos os fetichismos de "teses excessivas"

"Iremos fingir por um instante que não conhecemos nada das teorias da matéria e das teorias do espírito."<sup>1</sup> – Colocar o leitor em suspenso já nas primeiras palavras do primeiro capítulo de uma obra filosófica pode deixá-lo numa posição extremamente desconfortável: trata-se da proposição de um "ato de fingir" que é próprio da ficção e que parece ser francamente incompatível com os discursos filosóficos mais correntes durante toda uma tradição plurissecular. A frase em si não apresenta nenhuma dificuldade, ao contrário; mas o leitor, num ato reflexivo, *racional*, se coloca numa posição em que ele tenta "ver" o que haveria para além do que o autor está procurando, na verdade, dizer de maneira tão direta numa frase tão simples e lapidar. Mas fazer uso da primeira pessoa do plural (esse "nós") não pareceria um despropósito, uma simplificação no final das contas grosseira? Só que eis que somos apresentados à primeira lição de Henri Bergson em *Matéria e memória* (1896): talvez o mais profundo esteja na superfície, portanto, é necessário estar constantemente em estado de alerta, suspeitar de tudo, *ficar em suspenso*, sair de nossa zona de conforto moral. Ensaiar livrar-se do feitiço das palavras. Mas das palavras "como começo", em que as formas são dadas *através* delas já de saída: as fórmulas, os apriorismos, "os conceitos mais elevados" ... Aquilo que era para ser uma ferramenta de trabalho em constante transformação – a linguagem – em geral é tomado como uma "tábua de salvação", um "*firewall*" permanente para nos protegermos das armadilhas da superfície. Friedrich Nietzsche em sua crítica ao racionalismo e seu uso

---

<sup>1</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 11.

exagerado, afirma que “A linguagem pertence, por sua origem, à época da mais rudimentar forma de psicologia: penetramos um âmbito de cru fetichismo, ao trazermos à consciência os pressupostos básicos da metafísica da linguagem, isto é, da razão.”<sup>2</sup> E isso, claro, é aplicável ao que Henri Bergson discute em seu “Prólogo” à obra de 1896: a distinção entre dois polos antagônicos entre si, o “realismo” e o “idealismo”, as “duas colunas máximas da opinião”,<sup>3</sup> digamos, filosófica e que tem em comum a “frivolidade” (frequente entre os mais realistas) e, ao mesmo tempo, a “gravidade” (mais afeita aos idealistas), distribuídas de forma desigual entre os dois flancos, mas que ao fim e ao cabo seguem uma receita homogeneizante quando tomamos esta polaridade como um todo. Portanto, para reabilitarmos e “fazermos as pazes” com a ***ação como agente privilegiado da verdade*** – em nossa futura realidade “pós-covid-19” ou predominantemente endêmica a partir de um certo limiar que já devemos ter ultrapassado – é necessário primeiramente nos livrarmos de muitos dos mais perigosos fetiches do racionalismo, apontados à exaustão na obra de Nietzsche, que nos induzem a tomarmos, para nós, uma das “duas teses igualmente excessivas” nas palavras de Bergson.

Mas contrariamente ao que foi feito antes na história da filosofia, não se trata de demolir tanto um lado quanto um outro de todo o edifício do conhecimento para recomeçar tudo de novo. Justamente para não incorreremos nos mesmos resultados de filosofias anteriores (o que anularia nossos esforços), é necessário apenas conjurarmos, ou seja, recusarmos, ao menos por ora, as teorias da “matéria e do espírito”, como se as guardássemos em estantes como livros. A ação busca, acima de tudo, as realidades, as consequências e os fatos novos que intervenham diretamente numa ***“produção da verdade”*** – assumindo aqui um caráter “instrumental” da verdade, tomando pelo avesso o “ser” pós-moderno. Numa expressão: graus cada vez maiores de *atenção à vida*, um procedimento tipicamente *pragmatista*.

Nessa via, portanto, tomamos a imagem como instância fundamental do nosso reencontro com uma refundação da verdade, mesmo estando sob o “regime dos simulacros” (ou da “precessão dos simulacros”) que se agravou agudamente na pós-

<sup>2</sup> NIETZSCHE, Friedrich. “A ‘razão’ na filosofia”. In: **O crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 28.

<sup>3</sup> Referência a Brás Cubas e seu pessimismo considerado “cínico”. Ele e seu amigo filósofo Quincas Borba deixam entrever muitas lições filosóficas com “tons” ligeiramente bergsonianos em nossa opinião. Ver “Ao leitor”. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Carambaia, 2019, a partir da p. 15.



modernidade. Essa é uma discussão de fundo que merece nossa atenção, mas que pode confundir o progresso de nossa argumentação no presente contexto. Dentro ou fora do simulacro, mas concordando aqui com Baudrillard<sup>4</sup>, ainda somos capazes de “produzir”: o real, as coisas, a verdade, que não são menos “verdadeiras” do que aquelas coisas que vieram “antes” dele. Trata-se de uma *mise-en-abîme* mas são sobre essas águas abismais que devemos navegar até chegarmos à uma nova província do pensamento sob a pressão de novíssimos desafios.

## 2. As imagens e a matéria

A necessária renúncia ao dualismo “idealismo versus realismo” nos abre à indeterminação dos devires – que o nosso próprio corpo já acolhe muito antes de termos ciência disso e indo além –. Ao aceitarmos o convite que Bergson nos faz no primeiro parágrafo de *Matéria e memória*, nos comprometemos a partir da premissa de que tudo o que nos cerca são imagens e nada mais do que isso; a percepção e a ação ganham um outro estatuto no conjunto das representações que nos cercam e que vão além delas: o próprio universo é excêntrico, indiferente a nós e sem nenhum tipo de polaridade. As imagens não dependem mais de nossa “faculdade” da visão ou de nossa subjetividade para simplesmente existirem: elas existem, independente de as percebermos ou não; o cérebro, e outros organismos perceptivos – como nos ensina hoje a neurociência<sup>5</sup> – não são o centro da percepção nem mesmo como uma imagem “privilegiada” neste sentido. (Em nosso contexto particular, precisamos “suspender” o pensamento e as descobertas novas em folha da ciência “neurocientífica” por alguns momentos, justamente para darmos prosseguimento à nossa análise de forma a – assim queiram os deuses – sermos “recompensados” mais adiante.) “Fazer do cérebro a condição da imagem total é verdadeiramente contradizer a si mesmo, já que o cérebro, por hipótese, é uma parte dessa

---

<sup>4</sup> BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d’água, 1991.

<sup>5</sup> O neurocientista português António Damásio em seu último livro aponta para a função fundamental, por exemplo, dos intestinos para a “homeostase”, ou seja, para o que ele entende como a base biológica do *conatus*, ou o nosso “elã vital” com a existência (expressão mais ou menos correspondente a *conatus* na filosofia bergsoniana) que nos faz perdurar e prevalecer como indivíduos e como espécie, multiplicando-se assim os órgãos perceptivos para além do que imaginávamos. Ou seja, para Damásio nossa percepção está embebida, crivada, de aspectos biológicos, contrariamente a Bergson como veremos a seguir. Ver: DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos de da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

imagem. Nem os nervos nem os centros nervosos podem, portanto, condicionar a imagem do universo.”<sup>6</sup>

O cérebro e outros organismos perceptivos não são o centro de nossa percepção, eles assumem outras funções motoras que acompanham de maneira *solidária* a capacidade de perceber e de agir de nossos corpos em interação com as imagens, desde organismos muito simples, unicelulares, como as bactérias e as amebas até organismos complexos, com células altamente diferenciadas nos mais diversos tecidos e órgãos, chegando a indivíduos cujo grau de indeterminação é grande o suficiente para que simplesmente não se consiga prever qual será a resposta motora a um estímulo ao nível dos músculos por exemplo; enquanto que os organismos primitivos respondem em uma medida praticamente igual ao “investimento” que recebem. Mas contrariamente ao que diz a neurociência, os órgãos nervosos e outros órgãos que não imaginávamos que sequer participassem de qualquer função motora ou afecção (ver nota 4), não portam nenhum tipo de “primado” no que concerne às escolhas, às hesitações, às ações e à sua “extensão” na realidade, ou seja, naquilo que efetivamente *resulta* quando interagimos com outras imagens, mudando alguma coisa, por menor que seja, em nosso entorno. O “prolongamento” de um estímulo é a efetuação de uma *criação* no universo entre os indivíduos (imagens) com um alto grau de indeterminação. E o cérebro, de acordo com o filósofo francês, funciona à maneira das antigas centrais telefônicas, “seu papel é ‘efetuar a comunicação’, ou fazê-la aguardar.”<sup>7</sup> Se suprimirmos o cérebro e os estímulos nervosos do conjunto de imagens, este não sofrerá nenhuma mudança quantitativa ou mesmo qualitativa, pois “O quadro e o seu conjunto, isto é, o universo, subsiste integralmente.”<sup>8</sup>

Eis que surge, em nosso campo de investigações, o *corpo*, ou uma outra ideia de corpo, ele sim o *centro da (minha) ação*. A função do corpo pode se assemelhar, numa primeira impressão, com àquilo que atribuímos cotidianamente ao cérebro. Mas como tal também é uma imagem, uma imagem como as outras mas com a diferença de ser a provedora da “minha” ação: “Meu corpo, objeto destinado a mover objetos, é portanto um centro de ação.”<sup>9</sup> O corpo, ao contrário do universo que nos circunda, é centrípeto,

<sup>6</sup> BERGSON, 2006, pp. 13-14.

<sup>7</sup> BERGSON, 2006, p. 26.

<sup>8</sup> BERGSON, 2006, p. 13.

<sup>9</sup> BERGSON, 2006, p. 14.



um centro em si mesmo que interage com outras imagens numa espécie de horizonte, ou tomando de empréstimo um termo da astrofísica, um “horizonte de eventos” possível (um horizonte de fenômenos diversos que “margeia” os buracos negros), de transformações e de produção, que anima e é animado por outras imagens do universo que estão mais próximas de nosso corpo. Ao contrário do universo – indiferente à existência de nossa imagem – o corpo possui uma função “regulatória” porque “Esta imagem ocupa o centro (o corpo); sobre ela regulam-se todas as outras; a cada um de seus movimentos tudo muda, como se girássemos um caleidoscópio.”<sup>10</sup> Resumindo: a percepção de nossos corpos é exatamente um “horizonte” de outras imagens, o que fazemos com elas e o que elas fazem com a gente, o tempo todo, e “Chamo de ‘matéria’ o conjunto de imagens e de ‘percepção da matéria’ essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem determinada: meu corpo.”<sup>11</sup> A ação “age” no tempo e a percepção se perfaz no espaço, simultaneamente.

A *matéria* constitui assim a *realidade*, pois é dela que “extraímos” a *percepção*.<sup>12</sup> – Trata-se de uma noção inteiramente contraintuitiva, posto que a percepção é comumente atribuída – tanto no passado quanto no presente no que concerne à psicologia, à neurociência e a outros saberes – à nossa subjetividade: ela parte de nós, de nossos sentidos e de nossas afecções para servir como um “medium” entre nós e a realidade. Uma “filtragem” do real (um simulacro?), assim como as imagens produzidas por uma câmera fotográfica. Dependendo de nossa operação, uma determinada cor ou um tom passa a predominar com os filtros auxiliares às lentes. E também conseguimos modificar a realidade ao fazermos um uso variado de um jogo de objetivas. Por exemplo: uma imagem pode ser panorâmica, mas ao “preço” da deformação em seus extremos (como nos caso das lentes teleobjetivas), ou pode ser mais detalhada, ressaltando os aspectos mais sutis do objeto fotografado, mas com o sacrifício de sua própria integridade em termos de volume e, portanto, de proporção (como é o caso das lentes macro), isso sem levar em conta a pós-produção da imagem (o uso do Photoshop para corrigir aqui e ali o que o

---

<sup>10</sup> BERGSON, 2006, p. 20.

<sup>11</sup> BERGSON, 2006, p. 17.

<sup>12</sup> De acordo com Maurice Merleau-Ponty, “Na via tomada por Bergson *todo esse já é um percipi*.”, fazendo referência à máxima de George Berkeley, “Ser é ser percebido” (“Esse est percipi” em latim originalmente.), invertendo a fórmula, afirmando que para ser não é necessário ser percebido, ou melhor: *todo ser já é um percepto*, exatamente como entre as imagens e a matéria. Ver: MERLEAU-PONTY, Maurice. **A união da alma e do corpo** em Malebranche, Biran e Bergson. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 101.

fotógrafo julga como “imperfeições”, a correção de tons de cores, etc.) A imagem fotográfica não corresponde ao que efetivamente vemos na realidade, trata-se de um velho consenso entre os profissionais e teóricos da fotografia e das imagens técnicas. Os que advogam a sua fidelidade ao real só podem fazê-lo ao nível do referente real, um “isso foi” e nada mais. Trata-se de uma irrealidade, de uma mitologia moderna, e isso não é nenhuma novidade, porque “a fotografia só pode significar (visar uma generalidade) assumindo uma máscara (...) É por isso que os grandes retratistas são grandes mitólogos: Nadar (a burguesia francesa), Sander (os alemães da Alemanha pré-nazista), Avedon (a *high-class* nova-iorquina).”<sup>13</sup>

Eis, portanto, a linha de produção da imagem fotográfica como uma alegoria que pode nos ajudar a compreender o que denominamos aqui como um *simulacro da percepção*, da percepção ela mesma tomada como uma imagem “fabricada”, “idealizada”, que tomamos para nós – numa contorção – como miragem teórica, uma verdadeira crença “mediadora”, e que não encontra nenhuma correspondência real nem nossos sentidos, nem em nossas afecções, tanto de direito quanto de fato. O simulacro da percepção, dada pelas “ciências” da psicologia e da visão, é, parece-nos, fundamentalmente *impressionista* e este impressionismo da percepção é, em nosso contexto, um consenso velado entre idealistas e realistas: ela é impregnada de mitologias e de irrealidades: numa palavra, a imagem da percepção é *fantástica*, assim como a imagem fotográfica.

Se existisse alguma mediação entre nós e a realidade, ela só poderia ser feita diretamente pelo nosso próprio corpo através da sua capacidade crescente de agir sobre a realidade, conformando-a, produzindo-a com outras imagens. Nossa ação (que é própria do tempo) é proporcional à crescente percepção da matéria (que está no espaço): sucessivos “tons” de verdade que vão se sucedendo através de “cores” cada vez mais intensas até praticamente o infinito, num crescendo que vai aperfeiçoando, a cada instante, a nossa atenção à vida. A percepção, de início, é como que um pálido decalque da matéria. Neste ponto ainda incipiente, a nossa ação ainda pouco pode; assim a percepção pode surgir, de início, como uma “comodidade” e o perigo reside justamente aí: um temperamento mais radicalmente racionalista apela facilmente para a irrealidade de uma imagem conturbada do simulacro da percepção, misturando-a com componentes

<sup>13</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara*: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 58.



e artifícios alienígenas de cabo a rabo. Mas superada esta comodidade – ou melhor: quando suspeitamos dela – conseguimos ir muito mais longe: a percepção não é apenas um decalque, mas é a própria matéria quando a tomamos como *percepção pura*, ou seja, quando a diferenciamos de nossas afecções em termos qualitativos, buscando distingui-la da lembrança pura (que é da ordem da memória), atribuindo-a diretamente à matéria. A percepção ela mesma não pode, dessa forma, diferir em termos de natureza da matéria, pois “(...) há na matéria algo de além, mas não algo diferente, daquilo que é *atualmente dado*.”<sup>14</sup> Ou seja, a percepção pura, e a matéria operam a lógica do *pars pro toto*, a parte pelo todo: agora, ela mesma “isolada”, a percepção é a parte da matéria que “responde” por toda a matéria. A nossa liberdade de ação depende deste domínio da realidade, *desta plena realidade da atenção à vida*, pois ***o percebido já é o ser***.

Mas os tons mais pálidos do nosso ser parecem predominar quase sempre: o tumulto próprio da modernidade “tardia” nos atormenta, fazendo-nos buscar crenças racionais, irracionais, exotéricas, políticas, que apenas tolhem a nossa liberdade. As cores predominantemente acinzentadas das existências contemporâneas atestam isso: a comodidade dá o tom e o que temos é um conhecimento parco da matéria, cravejada por uma gama imensa de ilusões que desaguam no desamparo, mais cedo ou mais tarde. Eis ***a crise da ação***.

### **3. Por uma nova *Alétheia* (Ou sobre a urgência do “Novo Mundo” das imagens e dos símbolos)**

Não existe nenhuma teoria – por mais abstrata que tenha se tornado, “burilada” até a exaustão – que não possua alguma correspondência em termos de ação, por mais tênue que seja, na realidade. Mas eis que começamos a entrever as pistas de um possível método – ou um *norte* –. Este norte tem elementos em comum com o Pragmatismo estadunidense, que por sua vez possui correspondências na crítica nietzschiana: a crítica da razão, como um “freio da ação” é compartilhada com William James que em suas oito conferências sobre o método pragmatista usou de expressões tão contundentes ou, mesmo em alguns momentos, até mais incisivas do que muitos dos escritos de Friedrich Nietzsche, pois “As teorias, assim, tornam-se instrumentos, e não mais respostas aos

---

<sup>14</sup> BERGSON, 2006, p. 75. (Grifos nossos.)



enigmas, sobre as quais podemos descansar.”<sup>15</sup> Em trechos como este, o chamado à ação, através da filosofia, não pode ser mais claro e, mesmo em certo grau, altamente *inquietante*. A filosofia não pode ser outra coisa a não ser um movimento perpétuo que aciona os mecanismos da nossa ação na direção do desvelamento da *Alétheia* (Verdade). E a ação, como nos ensina Henri Bergson, depende do quanto avançamos em direção à matéria, da extensão da realidade, em estágios crescentes de atenção.

James atribui ao colega Charles S. Peirce<sup>16</sup> a criação do Pragmatismo. Segundo o professor e psicólogo, o método pragmatista fora enunciado por Peirce vinte anos antes de suas conferências de Harvard (na virada dos anos de 1906 e 1907) caindo no esquecimento entre o meio acadêmico norte-americano no decorrer dessas duas décadas. E ao alertar para esse estranho intervalo, ele nos diz que “Peirce, após salientar que nossas crenças são, realmente, regras de ação, dizia que, para desenvolver o significado de um pensamento, necessitamos apenas determinar que conduta está apto a produzir: aquilo é para nós seu único significado.”<sup>17</sup> Nas últimas décadas do século XIX e na década de 1900 o “Novo Mundo” (o continente americano) carecia de muitos significados, e de significados que tivessem a potência de uma outra “fundação” do Ocidente, muito diversos daqueles do “Velho Mundo” que estava empacado no historicismo. O Pragmatismo jamesiano projeta para o espaço e para o tempo (na verdade para o espaço-tempo) a permanente construção e reconstrução de “fronteiras móveis” que o tempo todo se desconstroem construindo-se em busca da verdade como um processo de verificação da realidade. A obra de Walt Whitman é uma das maiores inspirações da filosofia e do método de James, uma poética da transformação, do movimento permanente, da expansão até o infinito. No prefácio às *Folhas de Relva*, o poeta nova-iorquino esclarece que “Os americanos de todas as nações em qualquer era sobre a terra provavelmente têm a natureza poética mais completa. Os Estados Unidos são essencialmente o maior de todos os poemas. De agora em diante, na história da terra os maiores e mais agitados poemas vão parecer domesticados diante da sua grandeza e agitação ainda maiores.”<sup>18</sup> A poesia whitmaniana enuncia o tempo todo uma espécie de “universalismo molecular” ou

<sup>15</sup> JAMES, William. “Pragmatismo”. In: **Pragmatismo e outros textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 20.

<sup>16</sup> De sua parte, Peirce deu prosseguimento à construção de seu método mudando ligeiramente o nome dele: de “Pragmatismo” (*Pragmatism*) tornou-se “Pragmaticismo” (*Pragmaticism*).

<sup>17</sup> JAMES, 1985, p. 18.

<sup>18</sup> WHITMAN, Walt. **Folhas de Relva**. A Primeira Edição (1855). São Paulo: Iluminuras, 2011, p. 11.



um “monismo benevolente”: partilhamos todos de uma mesma natureza, assim como as imagens; mas uma natureza nervosa, agitada, inquieta. Somos também “americanos” quando estamos nos fazendo e por fazer, “escrevendo” sempre no *gerúndio*: viajando, trabalhando, filosofando, amando, com uma postura definitivamente crítica (mas não destrutiva) em relação às formas bem estabelecidas, todas elas passíveis de serem desconstruídas para se transformarem em coisas novas. Uma poética e uma filosofia da *refundação* muito mais do que da fundação a partir do zero como são classicamente as revoluções, pois não há porque romper ou “virar as costas” a nada; o mundo é plural o suficiente: um manancial de signos e de imagens. Neste ponto, tanto a obra de James quanto a de Whitman ganham um sabor lucreciano. E *De rerum natura*, o livro de filosofia em versos de Lucrecio, é uma obra fundamental também para Bergson.

Certamente os Estados Unidos de hoje não são, de fato (e nem de longe), aquela província que James e outros tantos grandes intelectuais e artistas estadunidenses e de outras nacionalidades traçaram por motivos que nos são remetidos pela sociologia, pela ciência política, pelas relações internacionais e por tantas outras ciências e saberes. O importante aqui, em nosso contexto, é a permanentemente nova “província simbólica” que este espírito encerra. O “Novo Mundo” das imagens e da ação paira a uma velocidade infinita sobre a desolação do tempo em suspenso da pandemia no mundo todo. O desamparo, a inação já eram fatores extremamente críticos desde que a modernidade se estabeleceu como um *biopoder* entre nós: ela se emaranhou em nossa subjetividade de forma a tornámo-nos trapos humanos, portadores que sempre fomos de um servilismo egóico. Uma guerra permanente, silenciosa e de caráter molecular é travada entre o nosso desejo inato de expansão e o formalismo brutal da modernidade, uma guerra que perdemos com grande frequência, nos deixando exaustos ao fim de cada uma das nossas batalhas cotidianas. Eis a crise da ação da qual falamos no decorrer do texto e que já era, talvez, a principal preocupação das correntes filosóficas mais “marginais” dos séculos XIX e XX: filosofias que fugiam do lugar comum da modernidade como “projeto inacabado.” E a pandemia de covid-19 nos oferece a inédita e horrível sensação do tempo em suspensão, o que pode agravar de forma fatal a subjetividade ocidental, já tão frágil, medrosa e mesquinha há algumas boas centenas de anos.

Se o tempo é suspenso, por conseguinte a ação é igualmente suspensa, perfazendo inversamente a lógica que é o motor de nossa argumentação. Portanto o perigo, hoje, é

máximo: a inação faz o Ocidente se desmoronar em mortes. O desconhecimento de nosso entorno (enquanto ocidentais) faz um douto alemão parecer uma toupeira cega perto de um cidadão médio de Wuhan (que, por sinal, não registra nenhum caso de covid-19 desde maio de 2020.)<sup>19</sup> Mas certamente a saída não está no Oriente, como, aliás, nunca esteve. Há séculos o mundo se ocidentalizou (ou melhor, se globalizou): se o Ocidente está em perigo o planeta inteiro também não está a salvo. A saída está em nós, naquilo que evidenciamos como o primado da ação da pós-covid-19, uma ação individual e coletiva que tome a eficácia pelo seu avesso através de uma nova Verdade proveniente do conhecimento aprofundado da matéria, de uma percepção crescentemente plena, o que Gilles Deleuze definiu como uma “vidência coletiva” (ao se referir ao Maio de 68.) Experiência que expanda a nossa atenção à vida, que nos inquiete ao máximo, que amplie a nossa capacidade de *agir amorosamente*. Lembremos: o tempo suspenso é apenas uma sensação funesta: tomando ciência disso, sentindo o pulsar compassado de nosso coração, veremos que a matéria não para de escorrer em nós de, nos atravessar e de nos afetar, portanto o tempo não para.

Ou como no trecho final do consagrado conto de Isaac Asimov:

“A consciência de AC<sup>20</sup> abarcou tudo o que uma vez tinha sido o Universo e pairou sobre o que agora era o Caos. Passo a passo isso devia ser feito.

E AC disse:

FAÇA-SE A LUZ!

E fez-se a luz.”<sup>21</sup>

### Referências bibliográficas

ASIMOV, Isaac. “A última pergunta”. In: **Sonhos de robô**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d’água, 1991.

<sup>19</sup> **Epicentro da covid há um ano, Wuhan é hoje a “cidade mais segura”, relata brasileiro**. Ver em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/01/05/epicentro-da-covid-ha-um-ano-wuhan-e-hoje-a-cidade-mais-segura-relata-brasileiro>. Último acesso em 06/01/2021.

<sup>20</sup> Trata-se do computador intergaláctico que conservou sua consciência frente ao apagamento do Universo depois trilhões e trilhões de anos. Sua “memória” foi capaz de colher todos os dados do Universo e refundá-lo, à semelhança de Deus.

<sup>21</sup> ASIMOV, Isaac. “A última pergunta”. In: **Sonhos de robô**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986, p. 305.



BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

JAMES, William. “Pragmatismo”. In: **Pragmatismo e outros textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Col. “Os Pensadores”.)

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Carambaia, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A união da alma e do corpo** em Malebranche, Biran e Bergson. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **O crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WHITMAN, Walt. **Folhas de Relva**. A Primeira Edição (1855). São Paulo: Iluminuras, 2011.